

Traversings/Passagens, 2016-2018

5 vídeos, HD, cor, 3', loop

Dimensões variáveis

Com o apoio da Norwegian Visual Artists Association, ao longo de mais de dois anos, Margarida Paiva deslocou-se várias vezes ao Porto para filmar com equipas nacionais os cinco vídeos que constituem a exposição:

EQUIPA DE PRODUÇÃO

Performers: António Lago, Bruno Senune, Pedro Silva, Miuxa Carvalhal, Ana Rita Monteiro

Som: Duarte Ferreira

Coordenação: Susana Chiocca

APOIO

Norwegian Visual Artists Association

AGRADECIMENTOS

Duarte Ferreira, Susana Chiocca, Rune Sandnes

FICHA TÉCNICA

Direção do Espaço MIRA *Manuela Matos Monteiro e João Lafuente*

Direção Artística *José Maia*

Texto crítico *João Terras*

Assistente de Galeria/Comunicação *Patrícia Barbosa*

Fotografia / Vídeo *Manuela Matos Monteiro, Patrícia Barbosa, Alexandre Teixeira e Rui Apolinário*



ESPAÇO MIRA

Rua de Miraflor nº 159 Campanhã, Porto

Terça a sábado, das 15:00 às 19:00

Entrada Livre

929 145 191 - 929 113 431

<http://miragalerias.net>

espacomira@miragalerias.net

www.facebook.com/espacomirafotografia

TRVERSINGS / PASSAGENS
MARGARIDA PAIVA

Curadoria / José Maia e João Terras
10 fev - 10 mar 2018

MARGARIDA PAIVA

<http://margaridapaiva.net>

Margarida Paiva (1975), natural de Coimbra, vive e trabalha em Oslo. Licenciada em Escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em 2000. Mestrado na Academia Nacional das Artes de Oslo, em 2007. Tem apresentado o seu trabalho em exposições individuais e colectivas e em diversos festivais internacionais desde 2000. Destacam-se as exposições individuais na Galeria de Arte Contemporânea Muratcentoventidue em Bari em Itália e no Museu Intercultural de Oslo. De entre as mostras mais recentes destacam-se as exposições colectivas na Galeria de Arte Contemporânea Camara Oscura em Madrid, Galeria de Arte Contemporânea F15 em Moss e a Screen City Biennial em Stavanger na Noruega, EDP Prémio Novos Artistas no Museu da Electricidade e na Arte Contempo em Lisboa. Recorrendo a técnicas cinematográficas, os seus filmes inscrevem uma condição existencial contemporânea. A curta-metragem "Every Story Is Imperfect" (2012) foi premiada no festival FOKUS 2014 | Nikolaj Kunsthal em Copenhaga.

Travessias e o imaginário do real

O barco é um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que vive por si mesmo, que é fechado sobre si e que é deixado, ao mesmo tempo, ao infinito do mar (...).

Michel Foucault (in *Des Espaces Autres*, 1967)

Nestas imagens, existe algo de insólito, um sublime gesto de tensão. Se o barco é esse pedaço flutuante de espaço, esse lugar sem lugar, fechado e infinito, heterotopia por excelência, existe algo de insólito num sublime gesto de tensão. Foucault oferecia-nos o barco com explícita razão de ser (...) a maior reserva da imaginação. (...) Nas civilizações sem barcos os sonhos secam, a espionagem substitui a aventura, e a polícia, os corsários. Aqui o lugar do barco é esse, o da suspensão, o da ilha, o da queda, onde o sonho é termo de existência num jogo subliminar com os limites do espaço e do tempo, tal como acontece com o labirinto, onde o percurso é mais importante que a saída.

Os lugares e o imaginário que os vídeos – médium por excelência - de Margarida Paiva (1975) nos mostram podem-se encontrar no sulco destes impulsos, algo entre o lugar do barco e o labirinto, *um lugar sem lugar*, mistério quase paradoxal que nos atira para um espaço intersticial, onde, num processo ficcional de montagem e desmontagem ganhamos tempo para pensar o real.

Neste seu novo projecto, "Traversings / Travessias", a artista apresenta cinco vídeos com cerca de três minutos cada, estabelecidos num processo desfragmentado e descontínuo onde a cidade do Porto se advinha por reptos de circunstância casual. Apesar da singularidade dos cinco universos, subjaz uma linha de pensamento comum. Existe *um tempo para além* do tempo, algo pela qual a narrativa se rege e permanece subentendida. Talvez seja essa mesma suspensão, pausa que projeta o Tempo destas histórias para um tempo indeterminado. O golpe de tensão, por sua vez, será esse, gestos de persistência e superação numa realidade assíncrona/paralela. Nas cinco parcelas o sentimento de acção, de percurso prevalece sobre a ideia de fim, de chegada. É no indeterminado que a história existe, como em o *Elogio de la Sombra*, (1969) de Jorge Luis Borges, *Não haverá nunca uma porta. Estás dentro / E o alcácer abarca o universe / E não tem nem anverso nem reverse / Nem externo muro nem secreto centro. / Não esperes que o rigor de teu caminho / Que teimosamente se bifurca em outro / Tenha fim. É de ferro teu destino. (...)* Labirinto

Será esta uma das premissas que marca o trabalho de Margarida Paiva. Numa posição por *devir*, onde através deste(s) imaginário(s) sucumbimos na nossa mesma solidão, existência e realidade.

Por muitas tentativas, estas palavras agem isoladas na potência desses lugares, desses sítios por emergir, no mistério da ficção das suas personagens, no singular das suas preposições. Socorro-me de que só nessa potência, para lá das palavras, nesse estado de queda, estas imagens existam. As imagens em movimento de Margarida Paiva coabitam num jogo labiríntico, físico e mental, num *entre*, nas brechas, nesse lugar onde a criação e a própria vida latejam, naquilo a que poderíamos chamar o imaginário do real.